

MÚSICA
NA UNIVERSIDADE DE LISBOA

CICLO DE
PIANO
AULA
MAGNA

Recital dos 50 anos de carreira

ARTUR PIZARRO

29 OUT 21h00



Os 24 Prelúdios op.28 foram compostos entre 1836 e 1839 e publicados em 1839.

Foi em Maiorca, onde Chopin se refugiou do clima agreste de Paris que lhe afectava severamente a saúde, que deu termo a esta obra. Foram escritos durante a intensa relação de amor com a escritora que assinava sob o nome de George Sand, Aurore Dudevant. A 8 de Novembro de 1839, Chopin e George Sand, mais os dois filhos desta, estabeleceram-se em Maiorca.

O piano de Chopin apenas chegaria em Janeiro. Após a chegada do piano Pleyel o compositor demoraria escassos dias para concluir a obra, enviando-a de imediato para Paris para ser editada em bloco, o seu op. 28 e para receber os 500 francos que lhe eram devidos pela edição da obra. São 24 prelúdios, são mais propriamente miniaturas ou prelúdios improvisação, do que introduções a outras obras, como os prelúdios de suites ou prelúdios que antecedem fugas, uma forma que Bach utilizou largamente, nomeadamente nos seus dois cadernos do seu "Teclado bem temperado", dos quais Chopin dispunha de uma cópia.

Tal como em Bach nos seus prelúdios e fugas, Chopin percorre as 24 tonalidades do ciclo das quintas que, no caso do temperamento igual ou aproximadamente igual, se fecham num eterno retorno. A cada tonalidade maior segue-se a sua relativa menor, assim ao Dó Maior segue-se a sua relativa, o Lá menor, depois temos como tonalidade maior subsequente o Sol, uma quinta acima do Dó, e como menor a sua relativa menor, o Mi. Chopin continua com a mesma regra ao longo da obra percorrendo as 24 tonalidade que Bach também usou mas com uma ordem totalmente diferente. Esta sequência pressupõe uma ligação harmónica que serve de fio condutor a uma possível apresentação em concerto. No entanto, o próprio Chopin nunca executou a obra na sua totalidade em público, tendo escolhido apenas alguns prelúdios para diferentes recitais.

A prática interpretativa actual tende a reunir estas 24 pequenas pérolas num ciclo completo, uma vez que a sua variedade melódica, sequência harmónica, contraste de atmosferas, tempos e dinâmicas, mas também a sua unidade estética, tornam este conjunto num corpo belíssimo para ser revelado num recital, evidenciando também a qualidade do pianista. Cada prelúdio assenta num tema, às vezes quase um pretexto, como no curtíssimo prelúdio em Dó menor, em que Chopin explora todas as potencialidades do material melódico, rítmico e harmónico, como no já citado prelúdio em Dó menor, baseado este último numa célula de compassos que se repete 3 vezes com dinâmicas decrescentes e que cujo remate é apenas um acorde conclusivo, uma estrutura extremamente simples mas muito eficaz.

Apesar das críticas do tempo, onde pontifica a

severíssima de Schumann, estes prelúdios não são meros "esboços", são pelo contrário miniaturas perfeitas onde perpassa a enorme sensibilidade e gosto de Chopin, o seu arrojo e o seu domínio da linguagem da harmonia e dos recursos do piano.

Liszt, sonata em Si menor. Duração: cerca de 40 minutos.

Liszt compôs a sua sonata em Si menor entre 1849, data da primeira versão, e 1853, data da versão definitiva. Foi dedicada a Robert Schumann que recebeu um cópia em 1854. Nesse mesmo ano foi publicada, no entanto a sua estreia em concerto público deu-se apenas em 1857 por Hans von Bülow. Apesar de críticas negativas de Hanslick, Anton Rubinstein e Brahms, Richard Wagner apreciou vivamente a peça quando a ouviu, de forma privada, em 1855, ainda antes da estreia oficial.

Estruturada em apenas um andamento dura cerca de 30 minutos. Foram elaboradas diversas teorias sobre esta obra colossal e os significados ocultos, desde o mito de Fausto, a luta entre divino e profano, sobre o Jardim do Éden com presenças e tentações diabólicas, a vida do próprio Liszt sendo a obra uma metáfora autobiográfica ou, finalmente, a teoria de que a obra é apenas um corpo estético abstracto. Em termos estruturais a gigantesca sonata é uma forma sonata global com exposição, desenvolvimento e recapitulação. Os temas fundamentais, três, surgem de início e servem de base a quase toda a obra, apesar de surgirem mais temas ao longo da sonata. A peça subdivide-se em secções, onde a forma se repete encaixada na forma global, algo que alguns musicólogos viram também numa obra de proporções muito mais vastas daquele que viria a ser o género de Liszt, Richard Wagner, concluída mais de vinte anos mais tarde, o Ring, vista como uma forma de arquitectura global em quatro andamentos em que o Siegfried seria o Scherzo. Nesta sonata o desenvolvimento da sonata seria a grande secção central, que se segue a uma secção inicial onde se expõem os temas, e o fugato a três vozes seria, precisamente, o scherzo, ou jogo, ao qual se sucederia o final que recapitula a introdução. A longa viagem pelo teclado termina, assim, com um lento assai com o primeiro tema, o que confere o já referido carácter cíclico à obra. Mais uma vez é algo que o género de Liszt vai repetir no Ring, desta feita mais de quinze horas de música depois do início da obra, no Crepúsculo dos Deuses o final está escrito na mesma tonalidade do início do Ouro do Reno. Fica o jogo de espelhos de Liszt e o mistério que rodeia a interpretação da obra, um mistério que só poderá ser esclarecido depois de uma audição num concerto na Aula Magna da Universidade de Lisboa por Artur Pizarro.

Henrique Oliveira

escreve com a ortografia anterior ao acordo de 1990

Recital de Piano

ARTUR PIZARRO

29 OUT • 21h00 • 70min

Chopin 24

Prelúdios op.28
(aprox. 40 minutos)

1. Agitato
2. Lento
3. Vivace
4. Largo
5. Molto allegro
6. Lento assai
7. Andantino
8. Molto agitato
9. Largo
10. Molto allegro
11. Vivace
12. Presto
13. Lento
14. Allegro
15. Sostenuto
16. Presto con fuoco
17. Allegretto
18. Molto allegro
19. Vivace
20. Largo
21. Cantabile
22. Molto agitato
23. Moderato
24. Allegro appassionato

Liszt Sonata

em si menor S.178
(aprox. 30 minutos)

Lento assai
Allegro energico
Grandioso
Recitativo
Andante sostenuto
Quasi Adagio
Allegro energico
Più mosso
Stretta quasi Presto
Presto - Prestissimo
Andante sostenuto
Allegro moderato
Lento assai



Nascido em Lisboa em 1968, Artur Pizarro apresentou-se em público pela primeira vez aos três anos de idade e no ano seguinte apresentou-se na RTP ao lado do Professor Campos Coelho (aluno de Vianna da Motta, Isidor Phillip e Ricardo Viñes) no programa Histórias da Música de Victorino d'Almeida. Os seus primeiros passos ao piano foram acompanhados pela sua avó materna, a pianista Berta da Nóbrega e pelo Professor Campos Coelho. Mais tarde, entre 1974 e 1990 Artur Pizarro estudou em Portugal e nos EUA com Sequeira Costa (também aluno de Vianna da Motta e também de Mark Hambourg, Marguerite Long, Jacques Février e Edwin Fischer). Durante um ano frequentou também a classe de Aldo Ciccolini no Conservatório Nacional Superior de Paris e recebeu aulas de Bruno Rigutto. Esta linhagem deu a Artur Pizarro um raro conhecimento da escola francesa e da alemã diretamente da Idade d'Ouro do pianismo do século XX. Artur Pizarro detém três primeiros prémios de concursos internacionais, nomeadamente o Concurso Vianna da Motta

em 1987, o Greater Palm Beach Invitational Piano Competition de 1989 (onde seis primeiros prémios de concursos internacionais são convidados a competir) e o Leeds International Piano Competition de 1990 que verdadeiramente lançou a sua grande carreira internacional.

Artur Pizarro atua regularmente em recitais a solo, em duo de piano com Rinaldo Zhok e em concertos de música de câmara. Apresenta-se também com as mais prestigiadas orquestras por todo o mundo dirigido por maestros tais como Sir Simon Rattle, Philippe Entremont, Yan Pascal Tortelier, Sir Andrew Davis, Esa-Pekka Salonen, Yuri Temirkanov, Vladimir Fedoseev, Martyn Brabbins, Tadaaki Otaka, Tugan Sokhiev, Yakov Kreizberg, Yannick Nezet-Seguín, Libor Pešek, Vladimir Jurowski, Ion Marin, Julia Jones and Sir Charles Mackerras. As suas gravações constam nos catálogos da Collins Classics, Hyperion Records, Linn Records, Brilliant Classics, Klara, Naxos, Danacord, Phoenix Edition, Cappricio, Cavi, e Odradek Records onde recentemente completou a integral da obra para piano de Sergei Rachmaninoff e os 5

concertos para piano e orquestra de Beethoven com a Sinfónica de Wuppertal dirigida por Julia Jones. Com Rinaldo Zhok gravou 2 CDs com obras de Dvořák e Beethoven para piano a quatro mãos.

Em reconhecimento da relevância da sua arte, Artur Pizarro foi galardoado na sua terra natal com o Premio Bordalo, o Premio SPA, a Medalha de Mérito Cultural da Cidade de Funchal e a Medalha de Mérito Cultural de Portugal. Em 2014 foi-lhe atribuído o Prémio Albéniz pelo Festival Albéniz em Camprodon, Espanha, reconhecendo o seu trabalho pela divulgação da Suite Iberia através da sua gravação e inúmeras actuações em palco. Actualmente leciona no seu estúdio em Oeiras onde dá aulas particulares. Frequentemente, Artur Pizarro oferece masterclasses em vários locais internacionais.



ulisboa.pt/musicanauniversidade